

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

**A IMPORTÂNCIA DA CONTRIBUIÇÃO FAMILIAR NO
CONTEXTO POLÍTICO E PEDAGÓGICO DA ESCOLA
MUNICIPAL DE ENSINO INFANTIL E FUNDAMENTAL
ANTÔNIO SANTOS COELHO NETO**

FLAVIANA GONÇALVES DE OLIVEIRA MUNIZ

João Pessoa
2016

FLAVIANA GONÇALVES DE OLIVEIRA MUNIZ

**A IMPORTÂNCIA DA CONTRIBUIÇÃO FAMILIAR NO
CONTEXTO POLÍTICO E PEDAGÓGICO DA ESCOLA
MUNICIPAL DE ENSINO INFANTIL E FUNDAMENTAL
ANTÔNIO SANTOS COELHO NETO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Licenciatura em Pedagogia do
Centro de Educação da Universidade Federal
da Paraíba, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciada.

Orientador: Prof. Dr. Fábio do Nascimento
Fonsêca

João Pessoa

2016

M966i Muniz, Flaviana Gonçalves de Oliveira.

A importância da contribuição familiar no contexto político e pedagógico da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Antônio Santos Coelho Neto / Flaviana Gonçalves de Oliveira Muniz. – João Pessoa: UFPB, 2016.
31f. ; il.

Orientador: Fábio do Nascimento Fonsêca
Monografia (graduação em Pedagogia - licenciatura) – UFPB/CE

1. Relação família/escola. 2. Educação. 3. Rotina escolar.
I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37.06(043.2)

FLAVIANA GONÇALVES DE OLIVEIRA MUNIZ

**A IMPORTÂNCIA DA CONTRIBUIÇÃO FAMILIAR NO
CONTEXTO POLÍTICO E PEDAGÓGICO DA ESCOLA
MUNICIPAL DE ENSINO INFANTIL E FUNDAMENTAL
ANTÔNIO SANTOS COELHO NETO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao curso de Licenciatura em Pedagogia do
Centro de Educação da Universidade Federal
da Paraíba, como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciada.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Fábio do Nascimento Fonsêca
Orientador

Prof. Ms. Santuza Mônica De Franca Pereira Da Fonseca
Membro

João Pessoa
2016

Agradecimentos

Concretizando assim mais uma etapa da minha vida, não poderia deixar de agradecer a todos aqueles que fizeram parte de toda essa trajetória rumo a minha formação acadêmica. Foram anos em que me dediquei ao que parecia ser um sonho distante, e hoje, ao perceber o objetivo alcançado vejo um filme que se passa lentamente em minha mente, retratando capítulos de uma longa história. São erros, acertos, perdas, conquistas, ensinamentos e aprendizagens, fatos que vivenciamos diariamente e que nem percebemos no ato de sua vivência o quanto são fundamentais em nossas vidas e em nosso crescimento enquanto seres humanos.

Agradeço primeiramente a Deus, nosso pai, a quem devo tudo que tenho e sou, pela força que sempre me faz seguir em frente, pela luz que não se apaga e pela fé que me conduz.

Aos meus pais, pela estrutura moral que me foi concedida, pelo amor incondicional, pelo referencial de esforço e pelos primeiros ensinamentos.

Ao meu marido pelo apoio, incentivo e paciência. Às minhas filhas Alice e Clara pela adaptação a rotina sempre tão “agitada” da mãe sem cobrar tanto.

A minha irmã pela parceria e contribuição tão constante, à minha sobrinha Maria Eduarda pela companhia e suporte para com as primas, ao meu amigo Fábio pelas incessantes idas e vindas a universidade. Aos meus sogros que sempre estiveram presentes e foram excelentes colaboradores dessa conquista. Agradeço também aos meus familiares distantes os quais tive o prazer de reencontrar recentemente e fortalecer a minha certeza que as nossas raízes é o que nos mantém de pé! Trouxe comigo o exemplo de fé da minha vó Hercília e uma bagagem repleta de bons sentimentos e recordações que renovaram as minhas forças e me impulsionaram a seguir em frente.

Sou grata também aos meus professores que tanto me acrescentaram como pessoa e profissional, em especial ao meu orientador Prof. Dr. Fábio Fonseca, pelo grande ganho que me proporcionou na conclusão do meu curso, com duas expressões marcantes para mim em momentos de apuros: “Sempre às ordens” e “Sossegue”. Minha mais sincera gratidão pelo incentivo e injeção de ânimo que sempre me foi dado.

E por fim e não menos importante, a todos os demais amigos e familiares, pessoas especiais que guardo no coração, pela confiança depositada em mim, pela força que nunca me faltou em todos os momentos desta jornada a qual, infinitamente sou grata. Concluo com sucesso, firmando a partir desse momento meu compromisso, como ser social, de honrar com todos os meus juramentos, sendo uma boa profissional, almejando meu crescimento com integridade e humildade sempre.

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos os educadores da minha família, aos colegas de profissão e aos alunos tão queridos que tive até então e tanto me motivaram a pensar numa educação que fizesse sentido na vida das crianças.

“Atrás de cada criança que acredita em si mesma, está uma família que acreditou primeiro”.

(Mathew L. Jacobson)

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi o de analisar a importância da contribuição familiar no contexto escolar de forma significativa, tendo como foco a busca de uma relação de complementariedade e harmonia entre ambas as partes no processo de ensino aprendizagem. A presente pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Santos Coelho Neto, localizada no litoral do Município de João Pessoa – PB. A partir de visitas periódicas foi observado um pouco da rotina escolar e da comunidade a qual a escola está inserida a fim de traçar um perfil, mesmo que em caráter superficial, do corpo da escola como um todo. Como instrumentos de pesquisa foram utilizados questionários impressos de cunho qualitativo, tendo como base pressupostos teóricos de diversos autores que trabalham e defendem a parceria entre a família e a escola. Os sujeitos envolvidos na análise foram professores do Ensino Fundamental I, com o objetivo de investigar os dados relevantes das vivências cotidianas em relação a participação e/ou contribuição dos pais na trajetória escolar e no seu desenvolvimento de seus filhos como um todo, e os pais do 1º e 5º ano do mesmo nível, com o objetivo de identificar as possíveis razões de afastamento e negação a essa contribuição que a cada dia mais é posta em evidência e tida como indispensável para a consolidação do sucesso escolar. Nas suas conclusões, o presente trabalho, ao mesmo tempo em que busca compreender as possíveis razões causadoras desse distanciamento, procura apontar possíveis soluções para essa questão, de modo a construir a necessária aproximação e complementaridade entre família e escola, no processo de escolarização das crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Família, Escola

ABSTRACT

The goal of this work is to analyze the family significance into scholar context focusing on the relation of complementarity and harmony exists among these two parts in the teaching and learning process. This current research was conduct at School Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Antônio Santos Coelho Neto, located at João Pessoa city south littoral, state of Paraíba. From regular visits, the community and the school were observed to capture daily routines and to map a profile of the school as a whole. As research instrument, it was used printed surveys of qualitative analysis based in theoretical assumptions of several authors who advocate partnership among family and school in education. The subject of analysis was the elementary school (first classes) teachers, with the goal to investigate relevant data about attendance of the parents in their children scholar path, and the elementary school (first classes) student's parents, with the goal to identify the possible reasons to parents' distance and denial in contributing in their children scholar success, seen as essential. Finally, besides to comprehend the possible reasons to trigger parents' deviation, this work aims solutions to address this problem and to build the necessary approach between family and school in the children educational process.

KEYWORDS: Education. Family, School

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. AS BASES TEÓRICAS DO ESTUDO	11
2.1. A FAMÍLIA COMO OS PRIMEIROS EDUCADORES.....	11
2.2. A FUNÇÃO DA ESCOLA.....	13
2.3. A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA.	15
3. A ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA	17
3.1. O PERCURSO METODOLÓGICO.....	17
3.2. CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE.....	18
3.3. CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES.	19
3.4. OS DADOS DA PESQUISA: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO.	20
3.4.1. O questionário aplicado aos professores.	20
3.4.2. O questionário aplicado aos pais.	23
4. CONCLUSÕES	29
5. REFERÊNCIAS	31

1. INTRODUÇÃO

Esse estudo tem como objetivo analisar os dois principais setores da vida de qualquer criança, família e escola. Consideramos como tal uma vez que os mesmos tomam a maior parte do tempo dos indivíduos e são determinantes no desenvolvimento humano, por constituírem as primeiras relações estabelecidas na vida, em especial na infância.

Num contexto histórico onde a escola surge para atender saberes técnicos e suprir as limitações da família, pensar no seu papel era pensar num processo mais específico e distante da realidade dos alunos. Atualmente há novos olhares e formas de pensar que ampliam a função da educação e a escola passa a ser um agente viabilizador de uma educação para o sentido ou que faça sentido na vida das crianças.

O interesse pela temática em evidência surgiu após a intensa percepção dos reflexos negativos da ausência da família na escola para com o desenvolvimento das crianças, assim como dos ganhos que uma família ativa e participante conseguem promover no decorrer do processo educativo.

A cultura capitalista veio como uma avalanche a moldar o modo de ser das famílias. Com a inserção da mulher no mercado de trabalho perde-se, em partes, a figura que antes acompanhava veementemente e integralmente seus filhos, filhos esses que não tinham pressa em adentrar as escolas, hoje tal acompanhamento passa a ser uma função de qualquer um ou até deles mesmos que a cada dia mais antecipam a autonomia sem chance de escolha. Atualmente o modelo de família apresenta-se diferente, o número de integrantes é menor, as casas são mais vazias, crianças vão mais cedo a escola e os pais e/ou responsáveis designam funções e papeis que são seus para terceiros. E de uma forma assustadora as crianças passam a ter uma boa parte de seus desejos materiais atendidos sem ver sentido em nada. Há um grito de socorro subentendido que tem sido cada vez mais sufocado pelo distanciamento e falta de relações afetivas cultivadas.

É daí que surge a necessidade de compreender como deve ser estabelecida uma relação proativa e proveitosa entre a família e a escola tendo como foco uma educação pensada e elaborada para fazer sentido na vida das crianças. Uma relação que possa ser complementar visando uma parceria com o objetivo claro de proporcionar o

desenvolvimento humano num caráter social, com consciência cidadã sem desprezar os valores familiares, os suportes afetivos e os aspectos emocionais.

Como contribuição, espero deixar aos leitores desse trabalho um novo olhar sobre a educação a fim de torna-la uma experiência prazerosa e favorecedora do crescimento humano em saberes e valores. Aos professores, a ciência do seu significativo papel na vida das crianças, que já não os olham apenas como meros transmissores de saberes, mas como alguém que faz parte de suas vidas e muitas vezes conseguem ser mais amigos e parceiros que seus pais e/ou responsáveis. A escola que educa dentro de uma perspectiva afetiva consegue adentrar no emocional de suas crianças e nesse contexto de aproximação, a mesma deve perceber que também é sua função trazer para a família a consciência de sua importância dentro desse trajeto e buscar traçar caminhos em comum para que possam andar juntos.

O presente trabalho inicia-se com este capítulo introdutório, seguindo com a discussão teórica, envolvendo o conceito de família, a função da escola e a relação entre escola e família, trazendo também os demonstrativos da pesquisa de campo, assim como a análise e interpretação dos dados, onde fica explícita a importância do acompanhamento familiar no decorrer do processo de ensino aprendizagem, e sendo finalizado pelas considerações finais com enfoque para algumas possíveis soluções de como a realidade constatada pode ser revertida através do firmamento de uma parceria entre a família e a escola.

2. AS BASES TEÓRICAS DO ESTUDO

2.1. A FAMÍLIA COMO OS PRIMEIROS EDUCADORES.

Etimologicamente há controvérsias sobre a origem da palavra família. Para uns, sua origem vem do latim *fames* (“fome”), para outros, deriva do termo *famulus* (“servente”). Há hipóteses de que a princípio o conceito de família era usado para fazer referência ao conjunto de escravos e criados como propriedades de um só homem, dando ideia de posse, obediência e subserviência.

Atualmente, um dos conceitos mais fortes que a palavra trás é “A família como a célula da sociedade”, sendo ela responsável pela principal forma de organização dos seres humanos. Segundo Lenoir (1998), “a noção de ‘família’ (assim como, e de um ponto de vista negativo, a de ‘sem família’) designa implicitamente um todo coerente, estruturado, em uma palavra unido” (p.74).

Num contexto histórico, temos o ambiente familiar como o primeiro espaço propício e adequado para transmissão do conhecimento, tendo os mais velhos como os primeiros educadores de suas crianças, ensinando a partir de suas experiências vividas. A família é vista como um sistema social responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados que estão presentes nas sociedades (KREPPNER, 2000), dessa forma caberia inicialmente criar raízes na criança dando a ela sustento moral e consciência cívica para transformá-la num ser perfeitamente dentro dos padrões requeridos na sociedade da época.

Com a evolução desta sociedade o contexto muda e as perspectivas também. A educação familiar que antes do século XVII era prática comum deixa de ser suficiente quando torna-se pequena diante das necessidades de uma sociedade moderna e evoluída marcada por traços e hábitos oriundos do capitalismo.

Nesse momento, a partir do século XVII, a instituição escolar surge como uma extensão da educação familiar num caráter de complementariedade aos ensinamentos já transmitidos nos primeiros anos da vida da criança.

Outro fator importante a ser ressaltado nesse período de transição ou reavaliação de postura é a divisão de atribuições que passa a ser esboçada onde é designada a família uma educação voltada para valores e a escola a função instrucional voltada a uma postura social e científica.

No ambiente familiar, a criança aprende a administrar e resolver os conflitos, a controlar as emoções, a expressar os diferentes sentimentos que constituem as relações interpessoais, a lidar com as diversidades e adversidades da vida (WAGNER, RIBEIRO, ARTECHE e BORNHOLDT, 1999), nesse espaço os primeiros laços afetivos vão sendo estabelecidos, a autoestima vai sendo criada e fortalecida e a personalidade vai se formando com seus aspectos próprios ou criados a partir da influência do meio.

No tocante a função da escola dentro do contexto do desenvolvimento humano temos a oportunidade do aprender a partir do novo, do outro até então desconhecido. É nesse espaço físico, psicológico, social e cultural que os indivíduos processam o seu desenvolvimento global, mediante as atividades programadas e realizadas em sala de aula e fora dela (REGO, 2003).

Destinadas suas funções cabe enfatizar que o modelo de família tratado até então compreende a constituição tradicional. O antropólogo francês Claude Lévi-Strauss defende que a família nasce a partir do casamento onde passa a haver conjugues e filhos nascidos da união destes. Os seus membros passarão a manter-se unidos por laços legais, econômicos e religiosos, respeitando regras e proibições e sendo, portanto, vinculados por sentimentos psicológicos como amor, cuidado, afeto e respeito. Essa visão encontra-se perfeitamente desatualizada quando convivemos com novas concepções e modelos de famílias que vão além de laços sanguíneos e não seguem regras e muito menos modelos de construção.

Os membros de famílias contemporâneas têm se deparado e adaptado às novas formas de coexistência oriundas das mudanças nas sociedades, isto é, do conflito entre os valores antigos e o estabelecimento de novas relações (CHAVES, CABRAL, RAMOS, LORDELO & MASCARENHAS)

Dessa forma, antes de mais nada, cabe a análise do tipo de família a qual a criança está inserida, do conhecimento de seus valores adquiridos, do mapeamento de suas concepções para que a escola possa dar continuidade ao processo educacional preservando os traços familiares e acrescentando com a parte que lhe é atribuída.

Há uma necessidade expressa de considerar os diversos modelos de famílias para então adequar-se as novas conjunturas familiares e não omitir-se ao esperado enquanto escola por concepções ou condutas pessoais. Por outro lado, também é preciso que as famílias tidas como “diferentes” dos padrões antigamente estabelecidos, possibilitem uma maior segurança de seus papéis para com suas crianças para que ao iniciarem o

processo educacional fora do ambiente familiar, elas possam ter consciência da igualdade de seus direitos e deveres tal como qualquer outra.

A autoestima continua a se desenvolver conforme a pessoa se sente segura e capaz de realizar seus desejos e, futuramente, suas tarefas. É a autoestima fundamental. Para os pais, o amor incondicionalmente que sentem pelos filhos está claro, mas, para os filhos, nem sempre esse amor é tão claro assim. (TIBA, p.54)

Fica clara a função da família de transmitir segurança a suas crianças através da afetividade, possibilitar o crescimento da autoestima, da consciência de valores e dos primeiros saberes que de fato são transmitidos de pais e/ou responsáveis às suas crianças. A primeira instância da educação é designada e ministrada pelos familiares só a partir dessa iniciação a escola poderá agregar os saberes científicos e sociais e dar continuidade ao desenvolvimento das mesmas.

2.2. A FUNÇÃO DA ESCOLA.

A escola surge para atender as necessidades advindas de uma sociedade mais evoluída. Seu papel está inserido no contexto do desenvolvimento humano e no caráter social onde atua como complemento para os ensinamentos familiares. Faz-se entender como uma extensão do núcleo familiar.

Entendemos neste trabalho que a escola, indiscutivelmente constitui um contexto diversificado onde ocorrem experiências de desenvolvimento e de aprendizagem. Ou seja, como coloca Mahoney (2002), constitui um local dentro do qual se articula uma diversidade de conhecimentos, atividades, regras e valores, sendo ainda um espaço permeado por conflitos, problemas e diferenças. É nesse espaço que o indivíduo passa a desenvolver-se através de suas vivências em sala de aula, de atividades realizadas e do contato com o outro em todo espaço escolar. As atividades compreendem o desenvolvimento e ampliação do conhecimento cognitivo. As vivências e o contato com o outro possibilitam a construção de relações afetivas que viabilizam o desenvolvimento psicológico, emocional e interacional. Faz-se necessário ressaltar que a escola enquanto instituição social possui regras e metas determinadas por um sistema estabelecido, sua organização divide os indivíduos em série de acordo com sua faixa etária, as atividades e rotina são estabelecidas a partir dessa divisão, há métodos de ensino, há posturas e vertentes também. São aspectos que se chocam com a educação familiar antes exercida de forma mais desordenada e de acordo com conveniências das próprias famílias. Até

certo tempo atrás, o ensino era voltado para a necessidade de cada núcleo familiar, havia ensinamentos básicos e comum a todos os gêneros e poucas especificidades. Hoje, diferentemente, a escola passa a ser via condutora de um saber amplo, por mais que inicialmente seja em sua maioria técnico.

Há, certamente diferentes visões acerca do papel e da função social da escola. Em Freire (1982), por exemplo, a escola pode ser compreendida como espaço possível de conscientização, na perspectiva de construir uma prática libertadora. Libaneo (1986), por sua vez, chama a atenção para o papel que a escola deve desempenhar no acesso ao conhecimento como direito. Oliveira e Marinho-Araújo (2010, p. 101 acrescentam que “a escola é a instituição que tem como função a socialização do saber sistematizado, ou seja, do conhecimento elaborado e da cultura erudita”.

Em suma, atualmente a escola tem sua função ampliada e remodelada. Marques (2001, apud DESSEN e POLÔNIA, 2007, p. 26) destaca que, no século XXI, a função da escola tem “o objetivo precípua de estimular o potencial do aluno, levando em consideração as diferenças socioculturais em prol da aquisição do seu conhecimento e desenvolvimento global”. Estimula, assim, o desenvolvimento do indivíduo em sua totalidade, forma cidadãos pensantes e atuantes em sua sociedade.

Haddad (2003) destaca outro importante papel da escola, para além de sua função emancipadora ou de democratizadora do conhecimento: a escola é também um espaço de convivência social. É aqui, como espaço de convivência social, que entendemos o lugar em que a família deve ter porta de entrada na escola, como espaço que deve se abrir à relação com a comunidade e com as famílias, no interesse da educação das crianças.

A escola deve passar a fazer parte da rotina familiar, servindo como suporte, lugar onde seus filhos são cuidados e instruídos de maneira ampla e crédula, com total apoio, aprovação e participação familiar.

O plano e o traçado de papeis e funções não é em todo perfeito e a escola, em especial a escola atual sofre interferências e complicações oriundas de diversos ângulos. As crianças iniciam hoje sua vida escolar muito precocemente para adequar-se à nova roupagem familiar, primeiramente são assistidos pela família que ainda parece adaptar-se a nova rotina. Em sua fase de dependência geralmente nos anos iniciais e no processo de letramento requerem acompanhamento que muitas vezes se dá pelos pais, familiares próximos ou terceiros. Com o decorrer dos anos e a chegada da autonomia a presença da

família na escola vai ficando escassa e com isso entra em cena uma discussão bastante atual: qual a importância da contribuição familiar no processo de ensino aprendizagem? Como essa relação pode interferir em problemas bastantes conhecidos como evasão escolar, repetência, baixo desempenho e acima de tudo qual o reflexo dessa relação no desenvolvimento do indivíduo? São diversos os questionamentos cujo a resposta central estaria voltada para a ação do educar para a vida numa parceria, respeitando os espaços distintos e funções segregadas, mas apoiando-se sempre que necessário. Família e escola devem, na visão assumida neste trabalho, caminhar juntos em busca do sucesso do indivíduo.

2.3. A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA.

Oliveira e Marinho-Araújo (2010), em um estudo que realizou uma revisão de literatura sobre o tema, afirmam que família e escola têm objetivos distintos, mas que se interpenetram. As autoras, tomando como referência Reali e Tancredi, assinalam que a escola e a família “compartilham a tarefa de preparar as crianças e os jovens para a inserção crítica, participativa e produtiva na sociedade” (REALI & TANCRED, apud OLIVEIRA e MARINHO-ARAÚJO, 2010, p. 101).

Entretanto, ainda de acordo com Oliveira e Marinho-Araújo, na revisão de literatura realizada pelas mesmas, os professores não veem as famílias como parceiras com objetivos comuns, embora as próprias famílias demonstrem, segundo as autoras, as famílias tenha consciência do papel importante da escolarização na vida dos seus filhos e até se mostram dispostas a colaborar com a escola. As autoras destacam, neste sentido, trecho de estudo de Bhering, segundo o qual a na compreensão dos professores, o apoio dos pais no processo de ensino “se limita a reforçar aquilo que o professor realiza e pede às crianças, ao invés de sugerir que os pais poderiam se envolver mais com questões escolares de maneira mais participativa e recíproca” (BHERING, 2003, apud OLIVEIRA e MARINHO-ARAÚJO, 2010, p. 104).

Trata-se, portanto, de se buscar uma relação equilibrada entre família e escola que favoreça a complementaridade e a integração dos seus papéis no processo de escolarização das crianças. Na visão de Dessen e Polônia,

A escola é uma instituição em que se priorizam as atividades educativas formais, sendo identificada como um espaço de desenvolvimento e *Dessen*, aprendizagem e o currículo, no seu

sentido mais amplo, deve envolver todas as experiências realizadas nesse contexto. Isto significa considerar os padrões relacionais, aspectos culturais, cognitivos, afetivos, sociais e históricos que estão presentes nas interações e relações entre os diferentes segmentos. Dessa forma, os conhecimentos oriundos da vivência familiar podem ser empregados como mediadores para a construção dos conhecimentos científicos trabalhados na escola. (2007, p. 26-27).

A busca por uma relação ativa porem harmoniosa, compreende um caminho de aproximação e compreensão de ambas as partes, a comunidade precisa abrir-se ao que pede a escola, assim como a escola precisa saber o que e como requerer das famílias. Conhecer primeiramente e tentar mapear os aspectos importantes em busca de conhecer para então saber como agir faz-se fundamental.

Cabe ressaltar que o nível de instrução familiar é fator relevante para a aproximação e/ou distanciamento da família na escola. Alguns pais e/ou responsáveis são ausentes por não acreditarem ser capazes de contribuir e não ter a devida consciência que tal contribuição não necessariamente vem do saber técnico e científico, sendo eles o ponto fundamental para o desenvolvimento emocional das crianças. Há também aqueles providos de conhecimentos, mas que julgam uma autossuficiência imaginária da escola, onde o dever é exclusivo do ambiente escolar, cabendo limitadamente poucas funções superficiais de deixar e pegar as crianças e se fazer presentes o mínimo possível de vezes na escola alegando seus inúmeros compromissos externos e omitindo aquele que deveria ser seu compromisso maior.

Essas posturas citadas são apenas algumas das inúmeras que constituem a massa que compõe as famílias e as escolas. Quando analisadas de modo particular, é possível vivenciar e observar inúmeros modelos de comunidades e escolas que muito mais se chocam que se complementam.

Entendemos que esses elementos colocados pelas autoras podem consolidar uma política de interação escola-família bem estruturada e que, como colocam Castro e Ragatieri, em estudo sobre a questão, seja "capaz de gerar avanços importantes na garantia de uma educação de qualidade para todos" (2009, p. 61).

3. A ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA

3.1. O PERCURSO METODOLÓGICO.

O objetivo deste trabalho foi o de analisar a importância da contribuição familiar no contexto escolar de forma significativa, tendo como foco a busca de uma relação de complementaridade e harmonia entre ambas as partes no processo de ensino aprendizagem. Para cumprir com este propósito, enveredamos pelo caminho de uma pesquisa de natureza qualitativa, a qual, de acordo com Ludke e André (1986), "tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados", dando maior ênfase ao processo do que ao produto e colocando o foco de atenção, sobretudo no significado "que as pessoas dão às coisas e à sua vida" (1986, p. 13)

A partir desses pressupostos, a realização da presente pesquisa tendo como contexto a Escola Municipal de Ensino Fundamental Antônio Santos Coelho Neto, localizada no litoral do Município de João Pessoa – PB. A partir de visitas periódicas, observou-se aspectos da rotina escolar e da comunidade na qual a escola está inserida, a fim de traçar um perfil, mesmo que em caráter superficial, do corpo da escola como um todo. Como instrumentos de pesquisa foram utilizados questionários impressos de cunho qualitativo enfocando questões relacionadas à relação entre a família e a comunidade escolar, tendo como base pressupostos teóricos de diversos autores que trabalham e defendem essa tão fantástica quanto desafiadora parceria entre a família e a escola.

Os sujeitos envolvidos na análise foram, de um lado, as professoras do Ensino Fundamental I, com o objetivo de investigar os dados relevantes das vivências cotidianas em relação a participação e/ou contribuição dos pais na trajetória escolar e no seu desenvolvimento como um todo, e, de outro lado, os pais do 1º e 5º ano do mesmo nível, com o objetivo de identificar as possíveis razões de afastamento e negação a essa contribuição que a cada dia mais é posta em evidência e tida como indispensável para a consolidação do sucesso escolar.

Na parte que compreende os pais, havia também a intenção de confrontar os extremos com o claro objetivo de validar a suspeita de que com a evolução da criança e conquista da autonomia, os pais sentem-se mais libertados de seus deveres para com o acompanhamento de seus filhos na escola e na vida de maneira geral. Alguns costumam acompanhar com maior frequência as crianças em idade de maior dependência e de

forma mais assistencialista. No início da vida escolar, é mais comum ver o acompanhamento em atividades, participação em eventos e outras formas de apoio. À medida que vão crescendo, as crianças passam a fazer suas atividades sozinhas e se auto organizar para eventos e atividades festivas, sem contar com a presença dos pais e parecem estarem acostumados com isso e essa situação de conformismo gera um distanciamento ainda maior da família na escola. É daí que surge a necessidade de compreender as possíveis razões causadoras desse distanciamento e dessa libertação de compromissos assim como apontar possíveis soluções para essa questão.

As estruturas (modelos) dos questionários foram semelhantes, ambos de cunho qualitativo e semiaberto. Sua aplicação seguiu os requisitos éticos para a coleta de informações.

Foram envolvidos da pesquisa 8 professoras com idade mínima de 27 e máxima de 57 anos e 13 pais com idade mínima de 25 e máxima de 47 anos.

No que concerne à compreensão das questões, não foi necessário um suporte em grande escala para com os professores. Porém, no que compreende à assimilação dos pais, houve necessidade de um acompanhamento pormenorizado devido ao baixo índice de alfabetização dos mesmos. Houve oralização de algumas perguntas e muitas exemplificações, visando trazer mais clareza aos conteúdos abordados. Havia uma maior presença de mulheres (mães) na escola e os poucos homens (pais) não se dispuseram a contribuir, alguns por vergonha e outros por serem analfabetos ou semianalfabetos

3.2. CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE.

A escola na qual este trabalho foi realizado é uma instituição de ensino da rede municipal de João Pessoa. Está localizada na Praia da Penha e atende da Educação Infantil ao Ensino Fundamental I e II, dispondo ainda da oferta de Educação para Jovens e Adultos e projetos como o *Mais Educação*, *Brasil Alfabetizado* e o *Acelera*.

Sua Infraestrutura atende às necessidades básicas, tais como: água, energia, coleta de lixo, entre outros. Porém, há alguns problemas na instalação do prédio como um todo que causam alguns transtornos. Em tempo de chuva, devido à má localização das salas de aula, há casos de alagamento que, dependendo da intensidade, chega provocar a interrupção de aulas, segundo informações de alguns funcionários.

A escola possui cerca de 20 a 22 salas de aula utilizadas e aproximadamente 300 alunos matriculados. Possui sala das especialistas (supervisora e psicóloga), sala de professores, secretaria, laboratório de informática, quadra de esportes coberta, cozinha, biblioteca, banheiro, refeitório e sala de recursos.

Seu corpo discente, é integrado pelos moradores da Penha e das comunidades vizinhas. A grande maioria são crianças carentes.

Há uma presença forte de tendências religiosas devido a sua localização frente a um importante santuário religioso e ponto turístico local, assim como uma valorização das diferentes culturas existentes na comunidade.

3.3. CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES.

Na escola onde realizamos a investigação, estão destinadas para o Ensino Fundamental I do turno da tarde o total de 12 salas, sendo duas para o 1º ano, três para o 2º ano, três para o 3º ano, duas para o 4º ano e duas para o 5º ano.

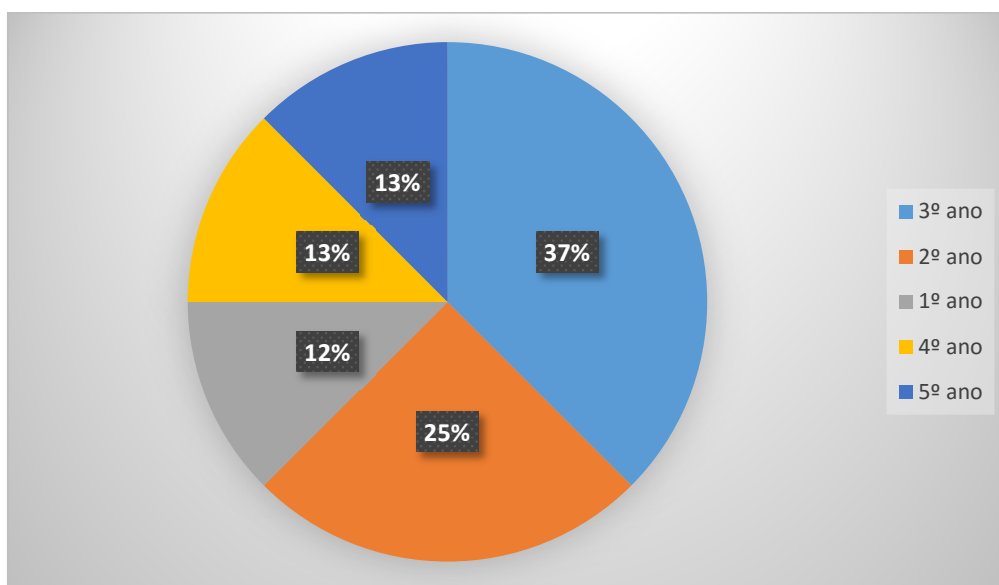
Do total de professores responsáveis pelas turmas, oito se disponibilizaram a contribuir com a presente pesquisa. Todos do sexo feminino com idade mínima de 31 anos e máxima de 57 anos. No tocante ao tempo de exercício, as respostas indicaram uma grade variação. Apenas um professor tem experiência recente de menos de cinco anos na área, alguns dividem-se entre 10 a 15 anos e 15 a 20 anos e há um deles com experiência superior a 25 anos no Magistério.

No que se refere ao grau de formação, dos oito professores consultados, 50% são apenas graduados em Pedagogia e os outros 50% são pós-graduados, porém só um deles informou possuir pós-graduação em Psicopedagogia.

O professor mais recente tem três meses na escola e o mais antigo quatro anos. Os demais têm pouco mais de um ano e iniciaram suas atividades no ano de 2015. Todos são efetivos.

Conforme representado no gráfico abaixo, foram observadas as seguintes turmas, distribuídas conforme a matrícula na escola, após as observações da rotina e estrutura de sala, foram aplicados os questionários destinados aos professores responsáveis pelas turmas tendo como primeiro momento perguntas de identificação que deram origem a descrição realizada anteriormente:

GRAFICO 1 – Distribuição de turmas e matrícula



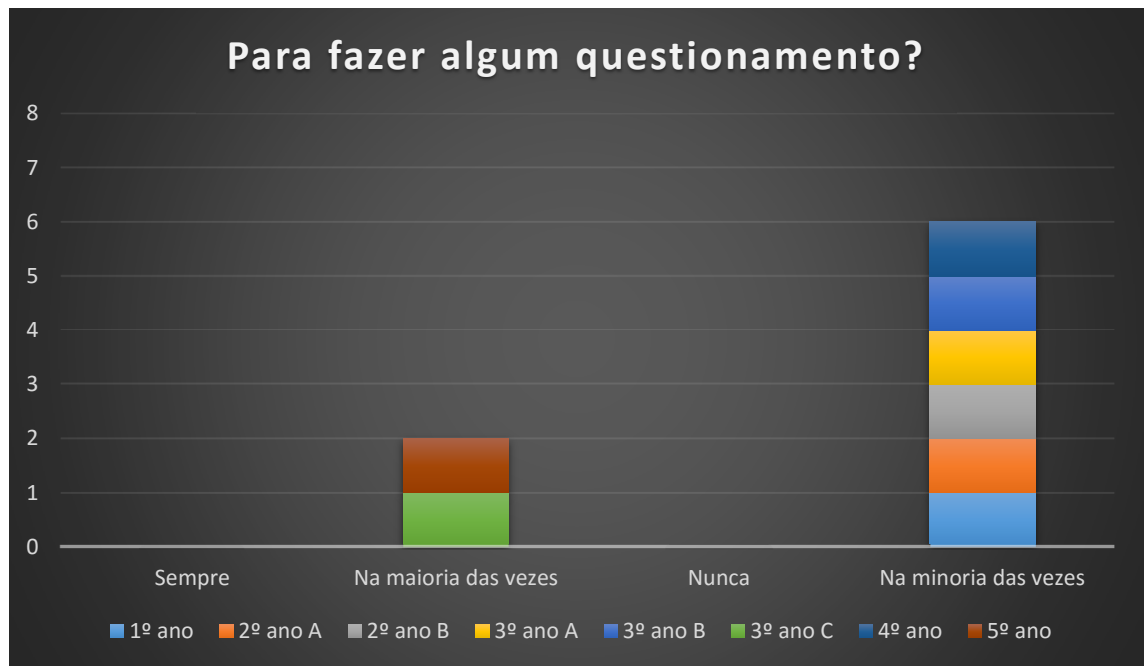
FONTE: Secretaria da Escola. (?)

3.4. OS DADOS DA PESQUISA: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO.

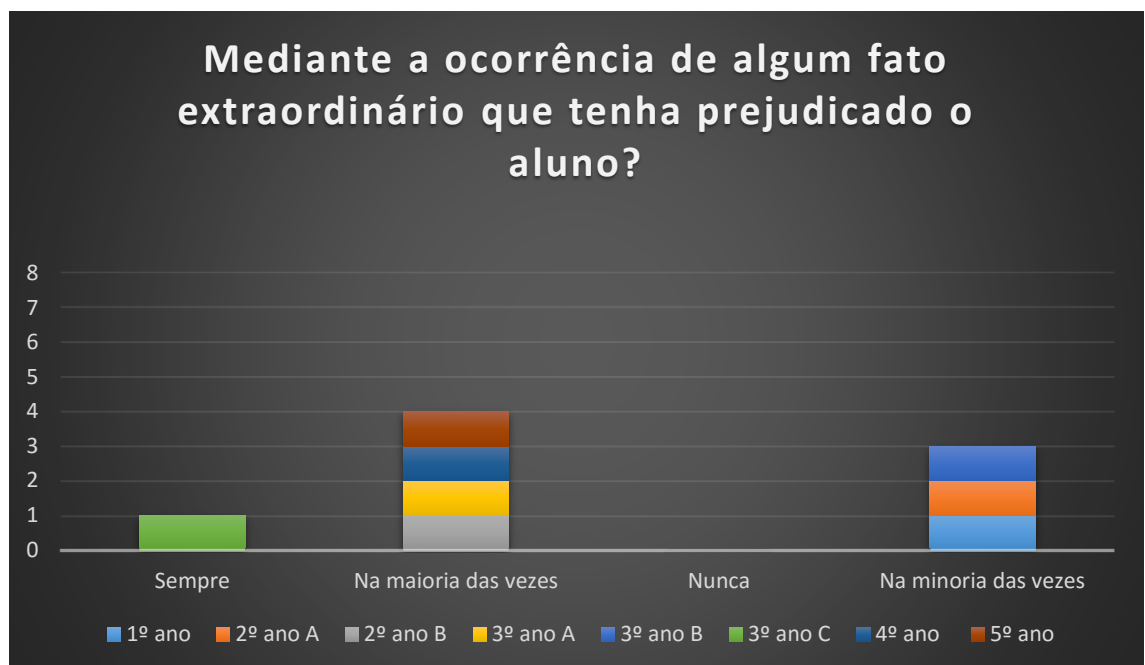
3.4.1. O questionário aplicado aos professores.

Passamos a análise e interpretação dos resultados da pesquisa, tendo como referência, o segundo momento do questionário, quando foram feitas abordagens com perguntas e opções de respostas objetivas a partir de uma questão central: “Quando os pais procuram a escola? ”. Foram obtidas as respostas indicadas nos gráficos abaixo, conforme as alternativas apresentadas.

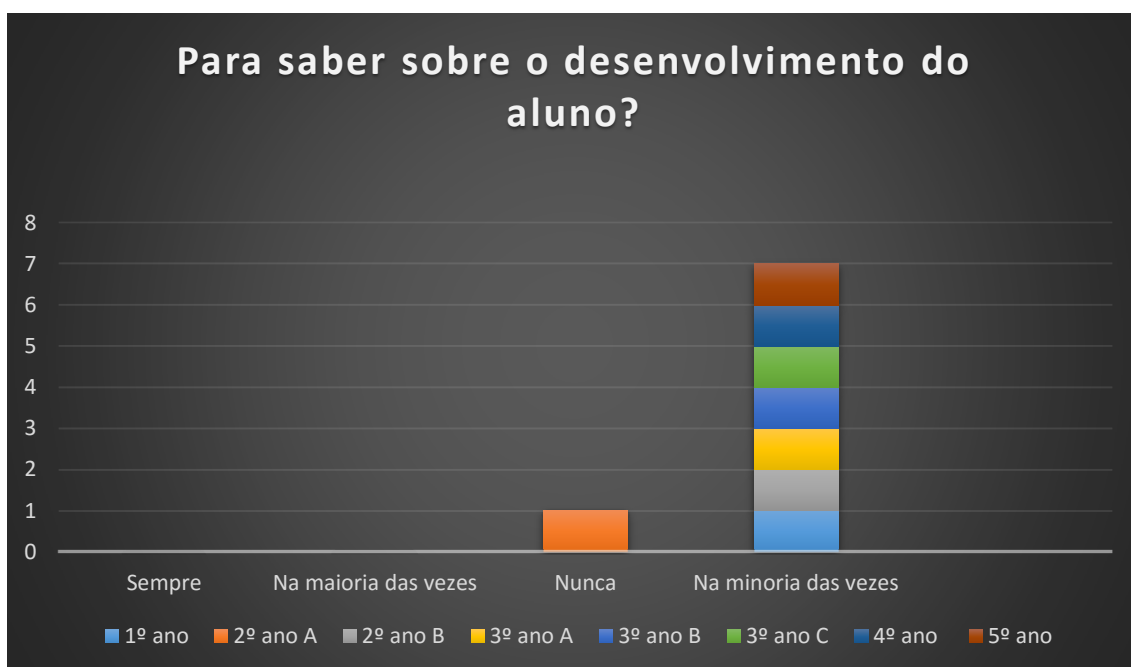
O primeiro gráfico mostra como, em face da questão apresentada, se posicionaram os professores na alternativa relacionada a “para fazerem algum questionamento:



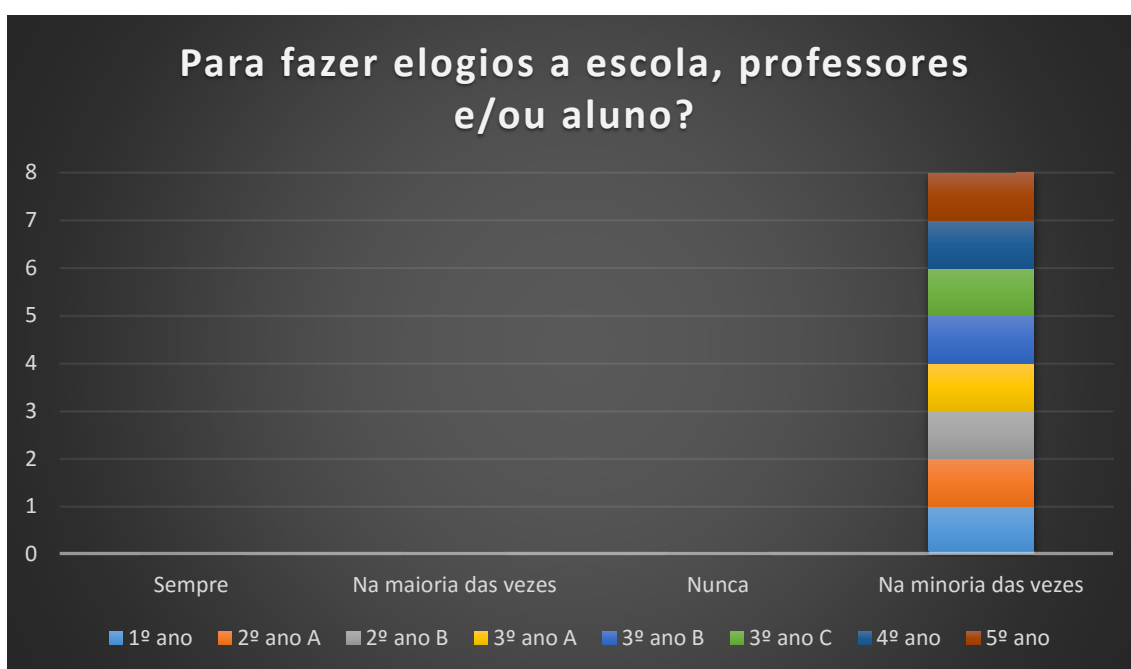
O segundo gráfico apresenta, para a mesma questão, a alternativa “mediante a ocorrência de algum fato extraordinário que tenha prejudicado o aluno”, tendo as respostas se distribuído como se vê abaixo:



O gráfico seguinte introduz a alternativa relacionada “para saber sobre o desenvolvimento do aluno”, ilustrando a forma como as respostas se distribuíram:



O próximo gráfico trata de como se distribuíram as respostas em torno da alternativa “para fazer elogios à escola, professores e/ou aluno”:



A segunda parte dos questionários aplicados aos professores do Ensino Fundamental I foi composta por sondagens objetivas, buscando identificar a presença da

família na escola, assim como analisar a assiduidade e os motivos que os atraem ou os afastam os pais do ambiente escolar.

Conforme a demonstração gráfica, a família encontra-se ausente no processo educativo, tendo em todas as abordagens um grande número de marcações na alternativa “na minoria das vezes” que, conforme expressaram os professores, era o que maior e melhor traduzia a participação familiar no contexto da escola.

Uma maior variação de respostas se dá no gráfico 02, que indaga se a procura dos pais a escola ocorre apenas em situações extraordinárias as quais prejudicam seus filhos de alguma forma.

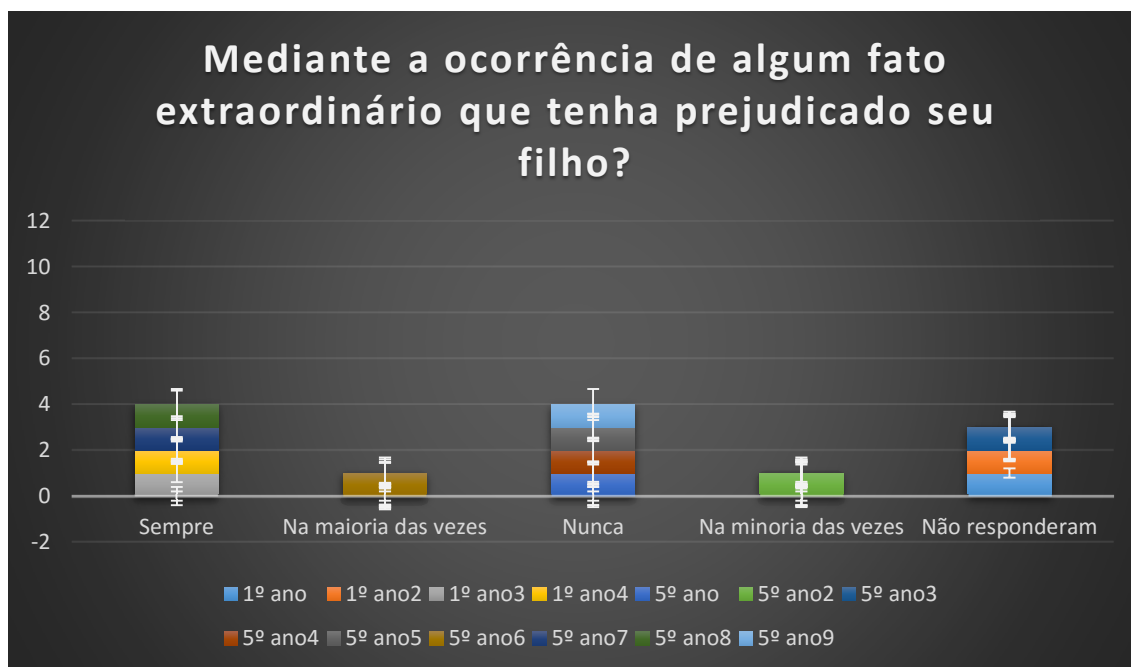
Para elogios ou outra contribuição positiva todos são unânimes em mais uma vez assinalar “na minoria das vezes”.

Na parte que concerne às questões subjetivas, o terceiro e último momento do questionário, ao serem questionados sobre a importância da presença dos pais e/ou familiares responsáveis pelas crianças na escola, todos afirmam categoricamente que sim. A contribuição familiar é sem dúvidas importante. Essa importância é percebida na segurança e desenvolvimento das crianças bem acompanhadas e nas dificuldades de desenvolvimento naquelas que caminham sozinhas na escola. As possíveis barreiras que dificultam o acesso da família na escola são em sua maioria de ordem financeira, muitos precisam trabalhar o dia inteiro e não disponibilizam de tempo para auxiliar seus filhos nem envolver-se em questões escolares mesmo sendo estas de suma importância, há também o analfabetismo que gera constrangimento e sentimento de inferioridade por parte dos pais para com a escola, muitos acreditam não poder contribuir com seus filhos isoladamente que dirá com a escola como um todo. Como sugestões foram citados meios que pudessem atrair os pais para a escola tais como: encontros pedagógicos, oficinas, visitas as famílias, eventos festivos que busquem integrar a comunidade a escola, projetos de educação familiar, entre outros. Um dado importante é que algumas sugestões visavam minimizar a cobrança e objetivavam criar laços de amizade e afetividade para então poder estabelecer uma parceria de fato.

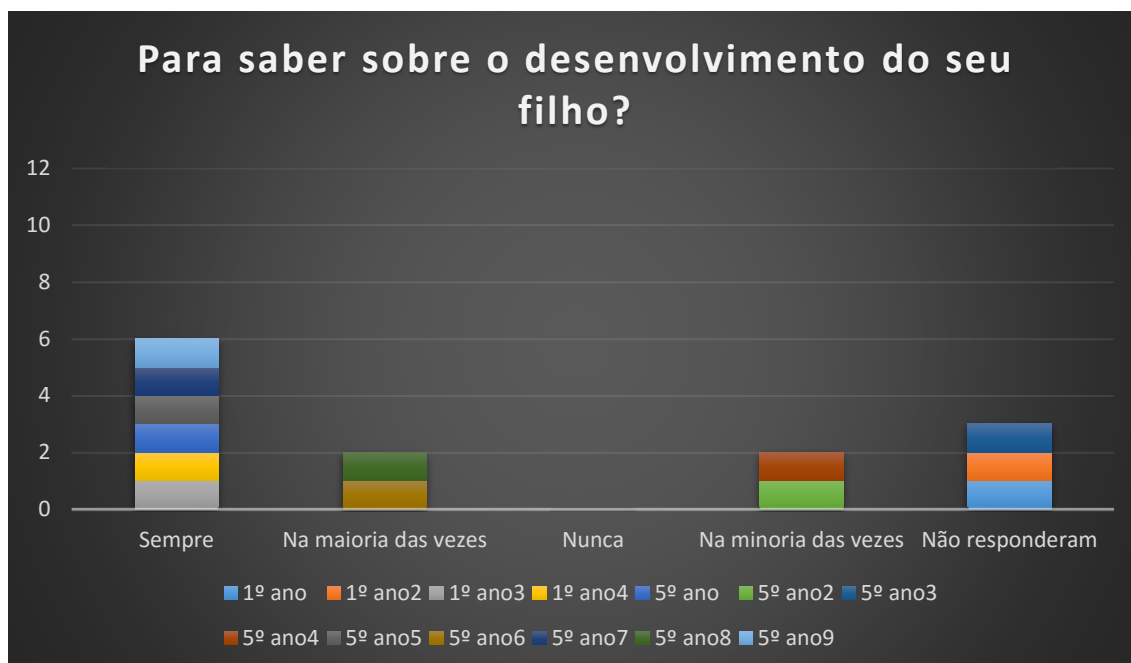
3.4.2. O questionário aplicado aos pais.

Na pesquisa em questão foram aplicados aos pais e/ou responsáveis dos referidos anos, questionários com perguntas semelhantes e estrutura igual às aplicadas

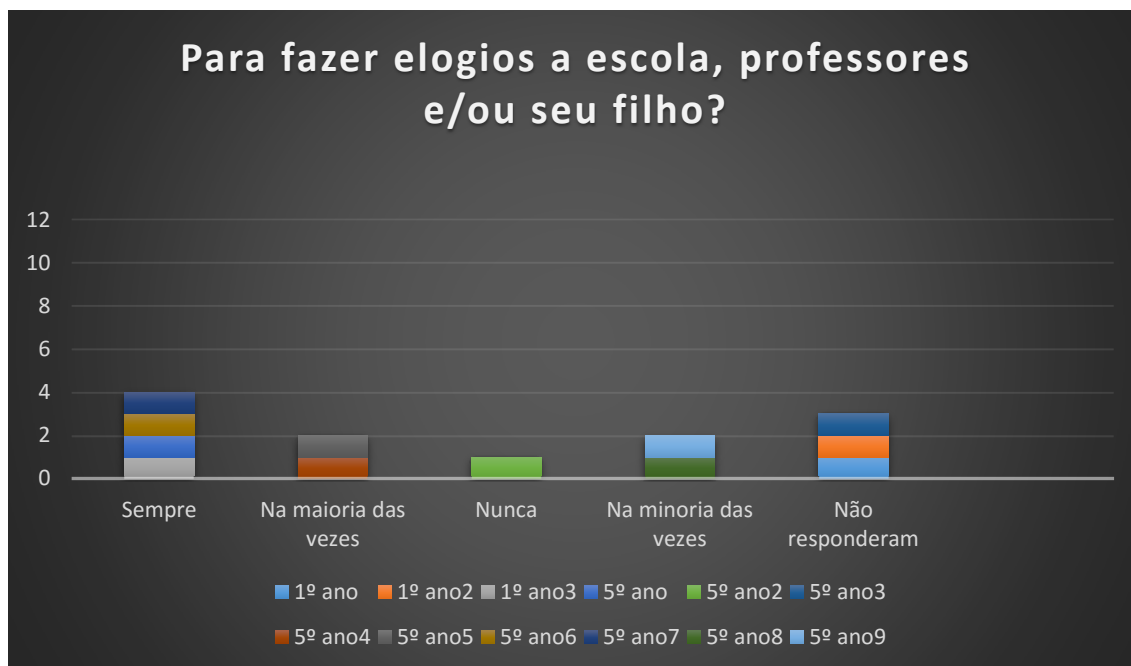
No gráfico abaixo, as respostas que trataram da alternativa relacionada a algum fato extraordinário:



Abaixo, as respostas que indagaram a alternativa acerca do interesse em saber sobre o desenvolvimento do filho:



Na sequência, a distribuição das respostas que trataram procura à escola para fazer elogios (à própria escola, aos professores ou aos filhos):



A segunda parte dos questionários aplicados aos pais e/ou responsáveis do Ensino Fundamental I, como se viu acima, foi composta por sondagens objetivas, buscando identificar as circunstâncias as quais os mesmos procuram a escola, a fim de posteriormente identificar os motivos de afastamento e negação frente a contribuição familiar para com a escola.

Conforme a descrição apresentada no gráfico, os pais e/ou responsáveis pelas crianças costumam procurar a escola para fazer questionamentos no maior número de vezes estando divididos entre “sempre” ou “na maioria das vezes”. Apenas um sujeito não se posicionou e os demais afirmam que vão à escola para questionar “na minoria das vezes”.

Na questão relacionada ao fato extraordinário em que seu filho é prejudicado, há um empate de dados com informações opostas, quatro dos respondentes afirmam ir “sempre” nessas circunstâncias e outros quatro dizem “nunca” ir em situações extraordinárias mesmo que seus filhos sejam prejudicados. Três sujeitos não se posicionaram e os demais dividem-se igualmente entre a “maioria” e “minorias” das vezes.

No que compete ao interesse na obtenção de informações a respeito do desenvolvimento de seus filhos, temos a maioria positiva de 8 marcações divididas entre “sempre” e “na maioria das vezes”, sendo apenas duas marcações negativas afirmando que esse motivo os levam a escola “na minoria das vezes” e três respostas negativas.

A presença da família para fazer elogios a escola, professores ou a suas crianças segundo os dados coletados também tem maioria positiva de sete marcações divididas entre “sempre” e “na maioria das vezes”, tendo três negativas de respostas e três marcações com conotação negativa entre “nunca” e “na minoria das vezes”

Na parte que concerne às questões subjetivas, o terceiro e último momento do questionário, ao serem questionados sobre sua importância na escola todos responderam que sim. Consideram importante, mas há vários impedimentos para que isso aconteça. Os pais e/ou responsáveis costumam de fato ir à escola quando chamados para algum evento de ganho para eles ou quando tem algo de seu interesse para solucionar, o que na minoria das vezes se dá em torno do seu filho. Quando abordados sobre os pontos que dificultam sua ida à escola, o principal é a rotina domiciliar e o trabalho seja ele externo ou interno. Há ainda a questão da locomoção, também citada como impedimento uma vez que o transporte público da área não oferece condições favoráveis e o transporte disponibilizado pela escola é de uso restrito aos alunos, salvo algumas eventualidades.

Ao serem abordados sobre o que a escola pode e deve fazer para atrair a família a fim de firmar uma parceria e assim caminharem juntos, foram citados alguns pontos relevantes: ser mais transparentes; saber ouvir mais; não serem autoritários; fazer reuniões para incentivar a presença da família na escola; fazer eventos de entretenimento de acordo com a realidade local, entre outros.

Por fim ao definir como deve ser a contribuição familiar na escola, muito discretamente alguns são limitados a apontar a necessidade de participar mais, mas não definem como. Reconhecem que não podem ajudar mais porque não são preparados e não acompanham os conteúdos escolares e por isso delegam essa função aos professores que humildemente chamam de “quem sabe mais”.

A ideia de confronto de dados entre os extremos desse nível educacional surge a partir de uma reflexão de como e por que os pais tendem a se afastar-se dos filhos à medida que eles vão crescendo. Apesar do maior número de questionários obtidos estarem centrados no 5º ano o nível de resposta, em especial as oralizadas que são mais amplas, os dados mostraram claramente que os pais de crianças menores se preocupam mais de forma assistencialista e dão mais suporte afetivo a seus filhos. Os pais de alunos em idade maior, que nesse caso específico estão em maior número, demonstram que seu interesse na escola é técnico e limitado de forma que não importa como façam, mas que façam seus filhos aprenderem aquilo que eles não podem ou não tem interesse em poder ensinar. Eles são “grandes” e podem seguir sozinhos e seus pais e /ou responsáveis vão

à escola quando são solicitados por algum motivo diferentemente da distribuição nos outros anos de escolarização, que conseguem, segundo dados obtidos pelo corpo da escola, frequentarem o ambiente da escola sem data pré-definida, ainda que em uma quantidade ineficaz para estabelecer qualquer relação que seja. Uma lamentável constatação da realidade.

4. CONCLUSÕES

Diante de toda reflexão exposta, dos resultados da pesquisa e de todas as análises realizadas, fica claro que a educação é um processo tecido a diversas mãos, num trajeto que deveria ser único e com funções complementares, onde a troca de saberes é o que move e permite acontecer a experiência educativa.

Segundo Freire, “ a escola será cada vez melhor, na medida em que cada ser se comportar como colega, como amigo, como irmão”. Na mesma linha de pensamento, mais adiante o mesmo vem a complementar essa afirmativa dizendo que “importante na escola não é só estudar, é também criar laços de amizade e convivência”. (Folha de S. Paulo, 8.1.1997).

Partindo dessa visão freiriana, que muito acrescenta no objetivo e defesa desse trabalho, temos a clara necessidade de envolver os agentes constituintes do processo educacional, em busca do movimento de trocas e complementos que são fundamentais para o sucesso escolar e desenvolvimento humano. A educação depositária por sorte já ultrapassada deu lugar a uma visão ampliada que possibilita um crescimento do ser humano como o todo.

Metaforicamente, poderíamos comparar o ser humano a uma árvore, que, não importa qual tamanho alcance, é por suas raízes que elas permanecem fincadas ao chão, sendo elas a parte importante e determinante em todo o seu processo de crescimento. Ao incorporar as crianças nessa ação comparativa poderíamos tê-las como árvores que precisam do fortalecimento de suas raízes primeiramente no seio familiar e por consequência precisarão ser nutridas de fatores externos adquiridos na escola para consolidar seu crescimento, sem que um despreze ou anule o outro. Durante todo o processo de crescimento serão fortalecidas as raízes em forma de valores e em aspectos emocionais e/ou afetivos, assim como serão alimentadas dos saberes sociais, científicos advindos do externo (ambiente escolar). O alimento e o cultivo diário dessa árvore (as crianças) fará com que ela cresça e que frutifiquem, alcançando o sucesso escolar e o equilíbrio e plenitude familiar.

Para que isso aconteça faz-se necessário uma constante reflexão e adequação as diversas realidades contidas no processo educacional, levando em consideração as

diversidades e adversidades constituintes do mesmo, em busca do melhor caminho a seguir.

5. REFERÊNCIAS

HADDAD, Sérgio. Escola para o trabalhador (uma experiência de ensino supletivo noturno para trabalhadores). In: ARROYO, Miguel G. (Org.). Da escola carente à escola possível. São Paulo: Loyola, 2003. p. 155-183.

CASTRO, Jane Margareth REGATTIERI, Marilza (Orgs.). **Interação escola-família: subsídios para práticas escolares**. Brasília: UNESCO, MEC, 2009.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 21-32, abr. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2007000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 02 jun. 2016.

FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAHONEY, Abigail Alvarenga. Contribuições de H. Wallon para a reflexão sobre as questões educacionais. In: PLACCO, Vera Maria de Souza. Placco (Org.), Psicologia & Educação: Revendo contribuições (pp. 9-32). São Paulo: FAPESP/EDUCA, 2007, p. 117-144.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. A relação família-escola: intersecções e desafios. In: Estudos de Psicologia I Campinas I 27(1) I 99-108 I janeiro – março, 2010.

TIBA, Içami. Disciplina, limite na medida certa. São Paulo: Gente, 1996.